



UMA ANÁLISE TEÓRICA E METODOLÓGICA DA CATEGORIA GÊNERO NO SERVIÇO SOCIAL



¹COSTA, Elaine Cristina do Nascimento, ²SILVEIRA, Maria Clara Teresa Fernandes, ³LIMA, Sabyna Pohema Soares de, ⁴FERREIRA, Maria D’Alva Macêdo,
^{1,2,3} Alunas do Curso de Serviço Social ⁴Orientador – Curso de Serviço Social, Universidade Federal do Piauí

Introdução

Uma vez que é notável a predominância do feminino em relação aos profissionais assistentes sociais, podemos tecer algumas análises levando em consideração algumas questões norteadoras, como: quais as razões para tal circunstância? O Serviço social é realmente uma profissão de mulheres? Como essas mulheres atuam no nas relações sociais seja como membros ou como atuantes nessas relações? Uma abordagem histórica do Serviço Social partindo do momento em que o estado passa a intervir nas relações sociais pode expor tais razões além de tornar-se capaz de trazer as profissionais como mulheres e as dificuldades enfrentadas por elas como uma atribuição da desigualdade de gênero, sendo essas sujeitas feitoras da história.

Assim, podemos partir para a análise conceituando gênero e o estabelecendo como algo intrínseco à profissão, uma vez que o Serviço Social emerge no capitalismo monopolista, desde a iniciativa de intervenção estatal na questão social, que é resultante das relações de dominação e exploração da força do trabalho. Portanto o Serviço Social enquanto profissão acaba por estar intimamente relacionado às demandas relativas a gênero e aos trabalhos relativos ao que Bourdieu chamou de “Dominação masculina”, seja por “dever de ofício” ou pela natureza de suas profissionais.

Metodologia

Através do levantamento bibliográfico podemos compreender as diversas dimensões que podem perpassar essa análise, desde os conceitos aos pormenores históricos que acabam por fundamentar alguns dos questionamentos já citados. Foram utilizados como aportes teóricos autores como: Zylberstajn (1985), ao trabalhar a categoria trabalho em função do tema gênero, Eva Blay (1978) ao poder e analisar os dados qualitativos das pesquisas já existentes, e a própria produção das profissionais assistentes sociais, como Yasbeck (2009) e Iamamoto (2001).

Gênero e Serviço Social

Antes de tecer quaisquer explanações sobre a relação entre a predominância de profissionais e discentes de Serviço Social serem do sexo feminino, é necessário compreender a relação existente entre a história e a percepção atual do universo de trabalho em que se inserem essas profissionais.

Precisamos nos abster de encarar certos fatores como meras coincidências, uma vez que há uma par de pesquisas e dados que revelam os diferenciais na absorção do mundo do trabalho em função do gênero, é possível inclusive traçar um paralelo entre os empregos que exigem mais e menos qualificações técnicas. Zylberstajn (1985) trabalha a inserção feminina no universo do trabalho no Brasil utilizando o termo “status”, segundo o autor para elas seja em zona urbana ou rural historicamente sempre lhes foram reservados os empregos que possuíam o menor status, ele ainda acrescenta que profissões como enfermagem, professoras constituíam apenas ¼ da força de trabalho qualificado.

Outro ponto relevante são as características sociais dessa inserção, uma vez que o quanto mais pobre e mais expressões da questão social afligem as famílias, mais membros desta adentram o mundo do trabalho, ou seja, a inserção também constitui um fator demográfico como bem apresenta Zylberstajn (1985), que acrescenta:

As famílias mais avançadas no ciclo de vida tendem a liberar suas mulheres das atividades domésticas e a utilizá-las mais frequentemente. Nas famílias pequenas, onde a chefia é exercida por mulheres há uma liberação precoce das mulheres para atividades de mercado (Zylberstajn, 1985 p. 123)

A inclusão das mulheres acaba por ser uma representação dos acréscimos seja da jornada de trabalho e da segregação de gênero, ao mesmo passo que representa acréscimos no quesito de direitos e das oportunidades de qualificação. Podemos retornar agora ao questionamento inicial, se a mulher já inseriu-se no mundo do trabalho, seriam meras coincidências a sua presença se dar mais em determinados tipos de trabalho, espelhando tal realidade nas salas de aula das universidades e escolas técnicas? Devido a concepção social de “lugar da mulher”, sua contextualização histórica e o conjunto de restrições que caem sobre o feminino certos campos de é necessário adotar dois critérios utilizados por Blay (1978) para compreender a sua escolarização e profissionalização a) as condições estruturais de absorção do trabalho feminino e b) as expectativas da mulher sobre a vida profissional. Segundo a autora apenas podemos montar um quadro profissional levando em conta as aspirações e escolhas da vida escolar dessas mulheres, sendo assim a relação que a autora trabalha é a habilitação disposta para a estas mulheres na qual ela separa em cargos relacionados à produção; administração; finanças; comercialização e serviços de saúde e assistência.

Tendo dado essa leve pincelada sejamos específicos, o Serviço Social ainda é uma profissão majoritariamente feminina, como ele trata as questões de gênero que se configuram como parte da questão social (seu objeto de trabalho), qual é a relação ente sua historicidade e os debates atuais? De acordo com Yazbeck (2009), Serviço Social só tem seu significado desvendado estando inserida em sociedade, logo, é preciso deixar a imagem da profissão em si para situá-la em um contexto mais amplo das opressões capitalistas, ou seja, frente à questão social. O que é senão, a questão de gênero uma expressão da questão social?

Historicamente uma profissão de “mulheres de boa família”, com bases cristãs assistencialistas e messiânicas, de boa índole, fadadas a ajudar os mais necessitados que não eram assistidos pelo estado, mais tarde quando a profissão começa a se consolidar no Brasil, a famosa frase proferida por Antonieta Mestrinho (foi primeira dama do estado do Amazonas), contida nos estudos de TORRES (2002) “A primeira-dama deve ser mediadora, embora fora de cargos executivos, deve representar o suporte no qual o marido encontre sustentação”, sendo aqui a perspectiva do favor usada como suporte para consolidação da mulher como “sustentação” perante a sociedade, com interesses políticos, em que essa é um mero instrumento.

Iamamoto (2001) diz que a condição feminina faz parte da identidade desse profissional e com esse perfil, o assistente social absorve a imagem social da mulher quanto às discriminações a ela impostas no mercado, com salários, condições de trabalho, cargos e ofertas de trabalho desiguais. Isso se faz concluir que se a imagem da profissão é atrelada a estereótipos construídos na mulher na visão tradicional conservadora, o processo de renovação do Serviço Social está intrínseco a luta pela emancipação das mulheres, que se renova com o combate ao período ditatorial no Brasil, com as lutas pelo processo de redemocratização e reconceituação da profissão.

Considerações Finais

O Serviço Social vem ganhar um caráter de luta e crítico a partir dos movimentos de redemocratização que aconteciam no Brasil, à desigualdade social se tornava a cada dia mais gritante, sendo questionados os métodos tradicionais da profissão, movimentos políticos e sociais questionaram o método para a revisão do mesmo em níveis teórico-metodológico. Aqui então, o foco da profissão passa a ser as classes subalternas e os carentes de direitos e somente em 1970/1980 que a metodologia passa a ter influência marxista.

Assim como os estudos de gênero, o serviço social lutou bastante para ganhar uma firmação e até hoje é visto de forma desvalorizada, não é atoa que esses fatos se encontram e conversam no sentido de que são mulheres a levar a profissão. Daqui já se percebe a imediata necessidade de ter o feminismo como pauta de luta para emancipação da mulher e consequentemente da profissional das ciências sociais aplicadas.

Referências

BLAY, Eva Alterman. **Trabalho domesticado**. São Paulo, Ática 1978. (ensaios,35).
IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo, 2001.
TORRES, Iraíldes Caldas. **As primeiras damas e a assistência social: relações de gênero e poder**. São Paulo, Cortez. 2002.
YAZBEK, Maria Carmelita. **Serviço Social: Direitos sociais e competências profissionais**. Brasília, 2009.
ZYLBERSTAJN, Hélio. **A mulher e o menor na força de trabalho**/ Hélio Zylberstajn, Carmen Silva Pagotto, José Pastore. São Paulo Nobel; (Brasília): Ministério do Trabalho. 1985.